

Inovações no Ensino-Aprendizagem em Administração: A Sociomaterialidade como Fonte de Conectividade

Resumo

No ensino-aprendizagem em Administração, discussões sobre a abordagem sociomaterial e seus efeitos são rarefeitas, senão inexistentes, desprezando-a como fonte de conectividade entre as ‘coisas da educação’. O objetivo desta pesquisa é aprofundar o conhecimento sobre a sociomaterialidade no ensino-aprendizagem em Administração com um enfoque para seus efeitos na conectividade. A fundamentação teórico-metodológica baseia-se em uma revisão sistemática da produção acadêmica publicada nas bases de dados nacionais e internacionais. Como resultado, elaboramos e propomos um caminho de pesquisa para a educação em Administração com base na abordagem sociomaterial. Com efeito, a sociomaterialidade como fonte de conectividade é o retrato de que os processos de ensino-aprendizagem podem ser melhores definidos como práticas coletivas em termos de significados sociais compartilhados, por envolver o pensar, o fazer e os encontros afetivos.

Palavras-chave:

Ensino-aprendizagem em Administração, sociomaterialidade, conectividade, inovação educacional

Introdução

As questões ligadas à materialidade e à sociomaterialidade ainda são fortemente desprezadas pelos pesquisadores de ensino-aprendizagem em Administração (EAA) (TAYLOR; STATLER, 2014; BARRY; MEISIEK, 2014; FENWICK, 2016). Por consequência, as inovações no EAA continuam sem se utilizar do potencial inerente à uma percepção sociomaterial dos espaços de aprendizagem (FENWICK, 2016). O risco de tudo isso incorre no fato de que desconsiderar as possíveis mudanças em espaços físicos, por exemplo, impedem a percepção acerca dos possíveis impedimentos que limitam a inovação em processos pedagógicos (CHARTERIS; SMARDON; NELSON, 2016).

Por que então estudar a sociomaterialidade na EAA? Na medida em que passamos a considerar os aspectos corporais, emocionais ou intuitivos de um problema, eles acabam ilustrando as soluções escolhidas, em vez de funcionar como ponto de partida para possíveis enquadramentos e soluções (BARRY; MEISIEK, 2015). Ao repensar seus espaços educacionais, a universidade conecta todo processo de ensino-aprendizagem (EA), pois as mudanças em espaços físicos levam à revisão de suas técnicas pedagógicas, uma vez que os espaços educacionais devem proporcionar estímulos, interação, sociabilização, além de ser imaginativos e gerar uma combinação inteligente entre métodos, ideias, mídia e materiais de apoio (CHIM-MIKI; CAMPOS; ALBUQUERQUE DE MELO, 2019).

A abordagem sociomaterial representa um avanço para as pesquisas em EAA, por ultrapassar as barreiras da materialidade. No EAA, os poucos trabalhos que abordam a materialidade buscam apenas associar objetos e artefatos aos elementos que atuam como ‘veículos’ para a aprendizagem, sem abordar questões sociais da materialidade (KOLB; KOLB, 2005, 2010; TAYLOR; LADKIN, 2009; CHARTERIS; SMARDON; NELSON, 2018; PESCHL; FUNDNEIDER, 2012; CHIM-MIKI; CAMPOS; ALBUQUERQUE DE MELO, 2019; (TAYLOR; STATLER, 2014; BARRY; MEISIEK, 2014). A sociomaterialidade é uma

proposta de transposição destes limites. A sociomaterialidade aplicada à educação torna "explícito o aprendizado e o ensino incorporados, as sinergias entre lugar e pessoas, as relações entre as possibilidades imaginadas implícitas no projeto de infraestrutura e construção, e as realidades experientes das pessoas que habitam esses espaços" (ACTON, 2018, p. 14). Uma abordagem que estuda e prioriza a conectividade nas práticas, processos e espaços educacionais.

O objetivo desta pesquisa é aprofundar o conhecimento sobre a sociomaterialidade no ensino-aprendizagem em Administração com um enfoque para seus efeitos na conectividade. A metodologia de pesquisa envolveu em uma revisão sistemática de produções acadêmicas publicadas nas bases de dados de referência nacional e internacional (SPELL, SCIELO, Sage Publications, Routledge, Periódicos CAPES, Library of Congress, Emerald, Academy of Management). Inicialmente, focamos no levantamento, seleção e análise dos trabalhos que tratavam a materialidade e sociomaterialidade no EAA. De posse dos poucos trabalhos encontrados, partimos para o cruzamento de referências que extrapolaram o campo do EAA. Em um movimento bola de neve, o *cross reference* se encerrou quando novos achados pararam de ser descobertos. Diante destes estudos, pudemos concluir que a abordagem sociomaterial emerge como fonte de conectividade e pode promover inovações nos processos de EAA. Acreditamos que os resultados desta pesquisa contribuem para o avanço do conhecimento em Administração ao sistematizar e propor novos caminhos para o EAA.

1. A Sociomaterialidade do Ensino-Aprendizagem em Administração: Relevâncias e Perspectivas

A Sociomaterialidade aplicada ao EAA é um assunto que ainda não foi tratado com a devida relevância. Sua abordagem permanece fortemente presa às questões da matéria, seja de forma explícita (TAYLOR, STATLER, 2014; BARRY, MEISIEK, 2014) ou de forma implícita (KOLB, KOLB, 2005, 2010; TAYLOR, LADKIN, 2009; CHARTERIS, SMARDON, NELSON, 2018; PESCHL; FUNDNEIDER, 2012; CHIM-MIKI; CAMPOS; ALBUQUERQUE DE MELO, 2019). Apenas o trabalho de Fenwick (2016) demonstra os benefícios de uma abordagem sociomaterial. Em contrapartida, nos estudos ligados ao campo da Educação, o universo da Sociomaterialidade contempla perspectivas que podem ser organizados em quatro grandes âmbitos de investigação: o espaço, a arquitetura, a tecnologia e os objetos/artefatos (ACTON, 2017, 2018; BOYS, 2011; GOURLAY; OLIVER, 2018; SCOTT-WEBBER, 2004; CLEVELAND; ABERTON, 2015; JAMIELSON, 2008; FENWICK, 2011, 2015; SØRENSEN, 2009) e que demonstram ricas possibilidades em termos de avanços possíveis no EAA.

1.1 Relevâncias Sociomateriais do Ensino-Aprendizagem em Administração

A Sociomaterialidade traz para a Educação uma perspectiva que fora influenciada por diferentes famílias teóricas, a incluir a teoria ator-rede e estudos sociotécnicos, teoria da complexidade, novos materialismos feministas, geografias pós-estruturais e outros. (FENWICK, 2011). De fato, a materialidade e a sociomaterial possuem convergências, mas não incorporam a mesma perspectiva em sua visão acerca dos elementos da Educação.

Após analisarmos cerca de 4.200 títulos e resumos, encontramos nas pesquisas da EAA dos últimos 20 anos apenas 8 trabalhos que abordam as questões da matéria em seus processos

educacionais e apenas 1 trabalho que evoca as potencialidades da abordagem sociomaterial para o EAA.

Dentre os trabalhos eu relacionam matéria e o EAA, 2 deles fazem uma abordagem explícita da materialidade (TAYLOR; STATLER, 2014; BARRY; MEISIEK, 2014) e outros 6 tratam a temática de forma implícita (KOLB; KOLB, 2005, 2010; TAYLOR; LADKIN, 2009; CHARTERIS; SMARDON; NELSON, 2018; PESCHL; FUNDNEIDER, 2012; CHIM-MIKI; CAMPOS; ALBUQUERQUE DE MELO, 2019). A sociomaterialidade, conforme discutido no campo da Educação só foi tratada na educação gerencial por Fenwick (2016).

Apesar dos estudos acerca da materialidade aplicada ao EAA não atenderam plenamente ao potencial de uma abordagem sociomaterial, ambas podem ser investigadas sob quatro diferentes âmbitos: o espaço, a arquitetura, a tecnologia e os objetos/artefatos. Âmbitos que propiciam diferentes resultados no processo de EAA e que impactam no estímulo à criatividade (CHIM-MIKI; CAMPOS; ALBUQUERQUE DE MELO, 2019; BARRY; MEISIEK, 2015; PESCHL; FUNDNEIDER, 2012), a inovação (CHARTERIS; SMARDON; NELSON, 2016; CHIM-MIKI; CAMPOS; ALBUQUERQUE DE MELO, 2019; PESCHL; FUNDNEIDER, 2012), socialização (CHARTERIS; SMARDON; NELSON, 2016; BARRY; MEISIEK, 2015; KOLB; KOLB, 2010; PESCHL; FUNDNEIDER, 2012), diversão (KOLB; KOLB, 2010; CHIM-MIKI; CAMPOS; ALBUQUERQUE DE MELO, 2019) e emoção (TAYLOR; STATLER, 2014; BARRY; MEISIEK, 2015; KOLB; KOLB, 2005, 2010; TAYLOR; LADKIN, 2009; PESCHL; FUNDNEIDER, 2012). Estímulos que permitem uma maior conexão do estudante com seus cursos, professores, colegas, ou seja, com todas as ‘coisas’ da educação que impactam diretamente em seu aprendizado (FENWICK, 2015).

Quadro 1 – Estímulos da materialidade no EAA

Estímulo	Resultado	Fonte
Criatividade	Impacta no processo cognitivo.	Chim-miki, Campos e Albuquerque de Melo (2019); Barry e Meisiek (2015); Peschl e Fundneider (2012).
Inovação	Amarrados em contextos específicos dos processos de inovação de produtos e serviços.	Charteris, Smardon e Nelson (2016); Chim-miki, Campos e Albuquerque de Melo (2019); Peschl e Fundneider (2012)
Socialização	Provoca aumento da interação entre os sujeitos envolvidos no EAA.	Charteris, Smardon e Nelson (2016); Barry e Meisiek (2015); Kolb e Kolb (2010); Peschl e Fundneider (2012).
Diversão	Gera aprendizado a partir da experiência do fazer.	Kolb e Kolb (2010); Chim-miki, Campos e Albuquerque de Melo (2019)
Emoção	A matéria emocional e assim facilita/permite a aprendizagem.	Taylor e Statler (2014); Barry e Meisiek (2015); Kolb e Kolb (2005, 2010); Taylor e Ladkin (2009); Peschl e Fundneider (2012)

Fonte: os autores

Contudo, mesmo tendo encontrado os resultados que apontem a presença da conectividade nos diferentes estímulos, a falta de literatura específica sobre Sociomaterialidade aplicada ao EAA não nos permite romper com a versão simplistas em que ainda se associam a matéria, as emoções e o aprendizado (TAYLOR; STATLER, 2014). Neste sentido, ainda que haja uma intenção de inovar nos recursos e nos espaços educacionais, os professores de Administração continuam a tomar essas decisões sobre mídia, materiais e materialidade em suas salas de aula de forma deliberada, baseando-se na prática e sem sustentação científica (TAYLOR; STATLER, 2014). Há, portanto, um risco do material tender a ser desconsiderado ou descartado como meras ferramentas da intenção e ação humana (FENWICK, 2016), mesmo quando há ênfase na aprendizagem baseada na prática (TAYLOR; STATLER, 2014; BARRY;

MEISIEK, 2014; KOLB; KOLB, 2005, 2010; TAYLOR; LADKIN, 2009; CHARTERIS, SMARDON; NELSON, 2018; PESCHL; FUNDNEIDER, 2012; CHIM-MIKI, CAMPOS; ALBUQUERQUE DE MELO, 2019). Para a Sociomaterialidade, as práticas de conhecimento são compromissos materiais específicos que participam da (re)configuração do mundo (BOYS, 2011).

A educação contemporânea demanda uma abordagem holística (KOLB; KOLB, 2005) e a relação entre o EAA e a materialidade ainda demanda uma abordagem tão complexa quanto o estudo do processo de aprendizagem em si (TAYLOR; STATLER, 2014).

1.2 Perspectivas Sociomateriais do Ensino-Aprendizagem em Administração

A fim de estudar o impacto da materialidade no contexto do EAA, buscamos compreender a abordagem feita pelas obras selecionadas a respeito dos âmbitos e estímulos mencionados na perspectiva da Educação e o que isso traz em termos de avanços (FENWICK, 2011, 2015; ACTON, 2017, 2018; BOYS, 2011; SØRENSEN, 2009; MULCAHY; CLEVELAND; ABERTON, 2015; GOURLAY; OLIVER, 2018; JAMIELSON, 2008; SCOTT-WEBBER, 2004).

Para os pesquisadores da sociomaterialidade investigados, a perspectiva sociomaterial tende a ver todas as coisas conjuntamente, sejam elas humanas e não humanas, híbridas e partes, tal qual os efeitos de suas conexões e atividades. Todas agindo juntamente com outros tipos de coisas e forças com a finalidade de excluir, convidar e/ou regular as atividades (FENWICK, 2011). Portanto, a sociomaterialidade diz respeito à mudança na visão de aprendizado até então centrada no sujeito, passando a insistir na importância primordial do pessoal e do social (de forma conjunta), ou seja, que aceita um mundo mais que humano e que investiga sobre o que isso significa para a educação (FENWICK, 2015). Um olhar sociomaterial do EAA implicaria em uma nova visão sobre a materialidade onde está deixa de estar consolidada apenas em artefatos/objetos, mas sim distribuída de tal modo que o social, tão quanto os processos físicos, podem ser entendidos como materiais (SØRENSEN, 2009). Enfim, é usar o argumento geral de que “há muito valor em considerar uma visão ‘mais que humana’ do mundo” (ACTON, 2018, p. 27). Existe um efeito conectivo entre os elementos da Educação.

2. Inovações Sociomateriais no Âmbito da Ensino-Aprendizagem em Administração

Encontramos na materialidade associada ao EAA uma organização dos estudos em termos de espaço, arquitetura, tecnologia e objetos/artefatos. Quando observados estes mesmos elementos pela ótica da sociomaterialidade, percebemos um aprofundamento dos mesmos influenciados pelas interações humanas, conforme pode ser observada no Quadro 2.

Quadro 2 – Análise Comparativa dos Elementos de EA (Materialidade x Sociomaterialidade)

Elementos	Perspectiva Material	Perspectiva Sociomaterial
Espaço	Elemento físico, conceitual e que habilita práticas específicas.	Formados através da interação com entidades vivas e não vivas.
Arquitetura	Estruturante e que qualifica espaços físicos.	Envolve refletir se o estudante está sendo ensinado como aprender pela lógica da criatividade, colaboração e interação e deve ser concebido por todos que utilizarão o espaço.

Tecnologia	Ressignifica e amplia as possibilidades de atuação.	Cria espaços de aprendizagens até então inexistentes.
Objetos/Artefatos	Matéria que provoca diferentes percepções no indivíduo – veículo “meio” para o EAA.	Ressignifica os demais elementos de EA (espaço-objeto, arquitetura-objeto e tecnologia-objeto).

Fonte: os autores

A mudança de perspectiva material para sociomaterial, no que se refere a estes quatro elementos, tem uma relação direta sobre estudantes, professores, atividades e espaços de aprendizagem, além das próprias representações de conhecimento como textos, pedagogia, conteúdo curricular, etc. (ACTON, 2018). Isto ocorre porque o foco está nas relações entre as ‘coisas’, ou seja, como as ‘coisas’ influenciam e se alteram de maneiras que se abrem continuamente e excluem novas possibilidades de ensino e de aprendizagem (FENWICK, 2015). Com a sociomaterialidade, a “cegueira em relação à questão de como a prática educacional é afetada pelos materiais” (SØRENSEN, 2009, p.2) dão espaço ao fim da “tendência geral de subestimar os materiais como meros instrumentos para melhorar o desempenho educacional” (SØRENSEN, 2009, p.2). O que nos leva a perceber que as inovações advindas dos elementos que envolvem o EA em uma abordagem sociomaterial representam impactos educacionais (FENWICK, 2015; (SØRENSEN, 2009), espaciais (ACTON, 2017, 2018; BOYS, 2011; FENWICK, 2015), arquitetônicos (SCOTT-WEBBER, 2004) e institucionais (JAMIELSON, 2008; FENWICK, 2015; BOYS, 2011).

Quadro 3 – Impactos da Sociomaterialidade no EA

Impacto	Justificativa
Educacional	Porque modificam a percepção sobre o que integra e os resultados que envolvem o aprender e o ensinar.
Institucional	Porque repensam prioridades e interferem na esfera política, hierárquica e na própria identidade da instituição de ensino.
Espacial	Porque pensar o processo de EA em um contexto social que envolve matéria, pessoas, histórias/vivências, conhecimentos prévios e conhecimentos pretendidos.
Arquitetônico	Porque discutir questões relacionadas às configurações dos espaços formais e informais de aprendizagem, ou ainda nos aspectos relacionados à ambientação em termos de flexibilização, acolhimento, presença da tecnologia e estímulo à criatividade envolve elementos vivos e não-vivos.

Fonte: os autores

A abordagem sociomaterial representa inovações acerca da compreensão sobre as ‘coisas’ da educação (ACTON; 2017, 2018) em Administração, o que representa potenciais transformações que impactarão em novos espaços de aprendizagem, no uso e compreensão do potencial dos artefatos e objetos na educação, na atuação e no papel dos sujeitos da comunidade educacional, na arquitetura das instituições de ensino e na presença e uso da tecnologia com fins educacionais.

3. A Conectividade Emergente nas Inovações Sociomateriais do Processo Educacional

A conectividade é o elemento que representa a capacidade de conexão entre elementos humanos e não humanos. No entanto, ainda hoje, a principal estratégia de ensino utilizada pelos docentes em Administração é o contar, uma abordagem que tende a ser excessivamente teórica (KOLB; KOLB, 2005). A educação gerencial preocupa-se apenas em garantir a aquisição de novas habilidades e novos conhecimentos (TAYLOR; STATLER, 2014) em salas de aula estruturadas há mais de 40 anos que ainda propõem alunos em filas e professor na frente (BOYS, 2011).

É verdade que os seres humanos naturalmente imprimem sentido às coisas e aos fatos experienciados através da conversa, mas as conversas genuínas na sala de aula tradicional podem ser extremamente restritas ou até inexistentes (KOLB; KOLB, 2005). Mas se a aprendizagem deve ser entendida como algo que envolve mais do que cognição (TAYLOR; STATLER, 2014), como pensá-la sem envolver o funcionamento integrado da pessoa em seu pensar, sentir, perceber e se comportar? (KOLB; KOLB, 2005). Neste sentido, a conectividade é um elemento essencial para tal funcionamento integrado. Sem conexão não há integração. Uma conexão onde o aprender possa ser capaz de enfrentar e abraçar as diferenças, sejam elas entre especialistas e iniciantes, ideias e crenças arraigadas com proposições não convencionais, ou até entre diferentes experiências de vida e de valores (KOLB; KOLB, 2005). Quando há conectividade, encontramos uma comunicação fluida entre professores e alunos, além da consolidação de espaços de aprendizagem que promovam a socialização entre pessoas e saberes.

Para promover conectividade, devemos considerar que a relação entre espaço e aprendizagem não trata apenas de uma adequação entre “atividades e materiais, espaciais e/ou arranjos”. Ela também não é “uma correlação direta, transparente e óbvia, entre função e forma”. Ela trata “sobre compromissos problemáticos, colisões e resultados inesperados” (BOYS, 2011 p.35). Um bom exemplo sobre como promover a conectividade pode ser observado nos estudos de Scott-Webber (2004). A autora apresenta em seu trabalho uma possível relação entre conhecimento, atividades educacionais e arquitetura/design quando trabalhados de forma entrelaçada. Tal descoberta a leva a definir 5 arquétipos de ambientes do conhecimento. São ambientes de (a) entrega do conhecimento, (b) aplicação do conhecimento, (c) criação do conhecimento, (d) para comunicar o conhecimento e (e) para tomada de decisões baseadas no conhecimento (SCOTT-WEBBER, 2004 p.42-44), cada um deles promovendo diferentes conexões entre elementos vivos e não vivos.

Quando percebemos a sociomaterialidade como fonte de conectividade para as inovações em EA, o espaço de aprendizagem passa a ser compreendido como aquele que acolhe o processo de aprender e que, ao mesmo tempo, articula o que os estudantes já sabem com o que eles estão aprendendo (BOYS, 2011). É necessário que haja envolvimento, e, portanto, conexão entre professores e alunos, o que pode ser facilitado através do envolvimento de todos na concepção do espaço, e assim se conseguir chegar ao comportamento pretendido (JAMIENSON, 2008). Uma visão sociomaterial do espaço, por exemplo, leva a compreendê-lo como mais do que o local onde a aula acontece, mas sim como um local que reflete encontros multifacetados entre os novos espaços, a equipe e os alunos que os habitam (ACTON, 2017). A sociomaterialidade trata os espaços de aprendizagem e as atividades que lá ocorrem com relação parcial, de forma situada e específica. As conexões promovem diferentes sentidos para aquele espaço.

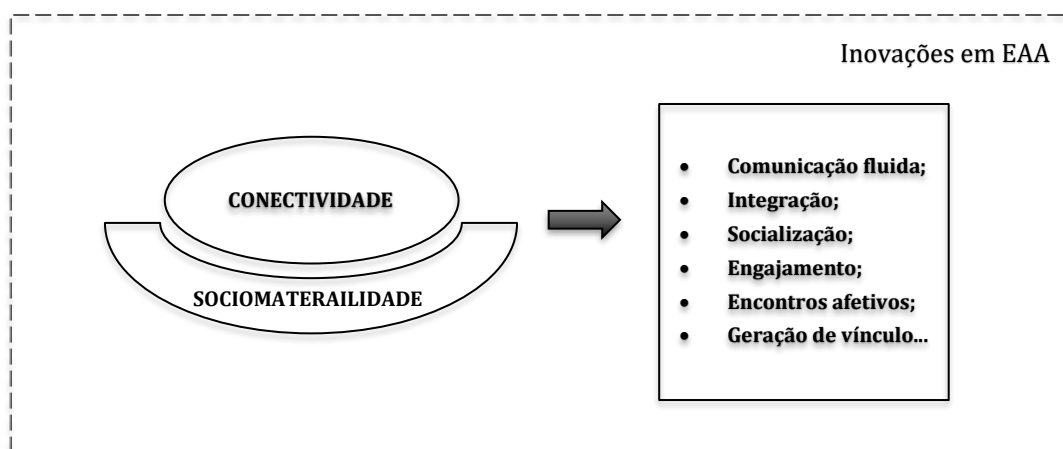
Em termos arquitetônicos, quanto o objetivo é a promoção da conectividade, a sociomaterialidade discute práticas sociais e de aprendizagem a partir de duas premissas essenciais: (a) a de desenvolver novos e inovadores espaços de aprendizagem a partir da lógica da participação e colaboração; e (b) que promover o design no nível da instituição educacional envolver explicar como representativo alguns aspectos da aprendizagem institucional (BOYS, 2011). Acton (2018) descreve os efeitos de uma integração entre atividades administrativas e salas de aula em uma determinada universidade e como esta mudança impacta toda comunidade escolar. Ao estarem menos isolados em zonas de trabalho, a conectividade gera uma melhora

no clima organizacional e no senso de pertencimento de todos, passando a deixar mais claro o papel de todos na formação do estudante.

A conectividade também emerge das novas configurações de poder que podem ser estabelecidas quando uma instituição educacional promove uma perspectiva sociomaterial em todas as suas esferas, inclusive a institucional. Isto ocorre porque, uma vez que constituem a aprendizagem, não apenas ferramentas analíticas são utilizadas para separar as maneiras pelas quais as redes poderosas são montadas como conhecimento, mas também como elas apontam maneiras afirmativas de intervir, perturbar ou ampliar essas redes (FENWICK, 2015).

A sociomaterialidade como fonte de conectividade é o retrato de que os processos de EA podem ficar cada vez mais definidos como práticas coletivas em relação a significados sociais compartilhados, pois envolve o pensar, o fazer e os encontros afetivos. O EA é, portanto, “um processo de transição, um espaço limiar ou uma jornada, uma negociação de limites ou locais de degola” (BOYS, 2011, p. 6), uma vez que que professores e alunos estão indiscutivelmente entrelaçados em transições espaciais que visam garantir a “construção ativa e engajada do conhecimento” (ACTON, 2018, p. 8).

Figura 1 – Inovações em EAA - Efeitos da Conectividade nos Processos de EA



Fonte: os autores

4. Discussões e conclusão

Os efeitos da conectividade demonstram que há uma relação direta entre o que já estudamos na EAA em termos de materialidade. Assim, podemos avançar em uma abordagem sociomaterial ao findarmos a separação entre os elementos vivos e não vivos que integram o universo educacional. A sociomaterialidade reposiciona nossas atenções para uma dimensão que pode abrir caminhos para pensar o futuro do EAA.

Explicar a sociomaterialidade como fonte de conectividade para as inovações no EAA envolve compreender que estamos abordando argumentos que estão em vários campos de estudo além da Administração. É um tanto redundante falar na terceira década do Sec. XXI que estamos todos conectados. Para os estudos em EAA, continuamos tratando a sala de aula, e os fenômenos que lá acontecem de forma fragmentada, seja por abordagens meramente materialistas, humanas ou exclusivamente pedagógica. Escolas e universidades começam a experimentar o uso da internet para ressignificar espaços de aprendizagem, mobilizar/reunir estudantes, melhorar a interação com técnicos e professores e/ou, criando zonas informais de

aprendizagem em suas instituições educacionais (GOURLAY; OLIVER, 2018; BOYS, 2011; ACTON, 2017, 2018)

No entanto, é preciso deixar claro que falar de conectividade não se trata apenas de tecnologias de conexão. A conectividade, conforme aqui relatado não trata apenas disso, mas também envolve a tecnologia da informação e da comunicação. A conectividade trata de como integrar pessoas, matéria, espaço, gestão, tecnologias, processo decisório, finanças, dentre outros. A conectiva trata da interrelação e dos meios para estabelecê-la. A conectividade trata da conexão entre ‘as coisas’ da educação. A abordagem sociomaterial traz justamente isso. Ela propõe um olhar integrado sobre as ‘coisas da educação’, fazendo fluir inovações em processo, práticas e espaços educacionais, quebrando paradigmas e apontando caminhos até então nem pensados (ACTON, 2017, 2018; FENWICK, 2011, 2015, 2016; BOYS, 2011). Trata-se de um novo olhar sobre os espaços, sobre a arquitetura, sobre a tecnologia e os objetos/artefatos, mas sem esquecer das interações e conexões que estabelecem entre si e com os atores vivos da educação.

Neste artigo, buscamos aprofundar o conhecimento sobre a sociomaterialidade no ensino-aprendizagem em Administração com um enfoque para seus efeitos na conectividade, sem desprezar os poucos e limitados estudos sobre os efeitos da materialidade no EAA. No entanto, não podemos deixar de lado potenciais apontados no campo da Administração que podem modificar e muito nosso contexto atual de práticas, processos e espaços educacionais. Estamos propondo abrir portas para novos modelos de salas de aulas, para novas configurações de espaços educacionais, para um repensar da prática docente e o futuro da formação do profissional de Administração.

A sociomaterialidade como perspectiva para o avanço de pesquisas futuras em Administração demonstradas neste artigo, aponta uma potencial transformação no pensar e no fazer do ensino e da aprendizagem em Administração. Acton (2018) já nos despertava para a preocupação de que o corpo acadêmico deve estar fortemente concentrado em quatro aspectos: aluno, conectividade, flexibilidade e desempenho digital. O atual estudo focou e ampliou o elemento da conectividade na educação em geral, abrindo discussões para pensar o futuro das pesquisas sobre EAA.

Consequentemente, novas pesquisas poderão se debruçar sobre como novos estímulos advindos da sociomaterialidade podem ser aplicados ao EAA, além de testar processos, práticas e modelagens de espaços educacionais. Metodologias de pesquisa baseadas na prática, na experiência e na pesquisa-ação (VAN DE VEN, 2007; COGHLAN; SHANI, 2018; MCINTOSH, 2018; BISPO, 2015; GHERARDI, 2012) poderão ajudar pesquisadores a realizarem experimentações sobre o potencial inovador da sociomaterialidade no contexto do EAA. Pelo seu caráter experiencial predominante, espera-se que os resultados de pesquisa possam contribuir para avançar o campo de pesquisa sobre EAA, mas também requalificar e renovar a prática do ensino da Administração.

Referências

- ACTON, R. E. Place-people-practice-process: Using sociomateriality in university physical spaces research. **Educational Philosophy and Theory**, v. 49, n. 14, p. 1441–1451, 2017
- ACTON, R. E. **Innovative learning spaces in higher education: perception, Pedagogic practice and place**. (Ph.D Thesis). James Cook University, Austrália, 2018.

BARRY, D.; MEISIEK, S. Discovering the Business Studio. **Journal of Management Education**, v. 39, n. 1, p. 153–175, 2014.

BISPO, M. d. S. *Philosophical Reflections on Design-Based Research in Organization Studies*. **Brazilian Administration Review**, 12, n. 3, p. 309-323, 2015.

BOYS, J. **Towards creative learning spaces : re-thinking the architecture of post-compulsory education**. London: Routledge, 2011.

CHARTERIS, J.; SMARDON, D.; NELSON, E. Innovative learning environments and discourses of leadership: Is physical change out of step with pedagogical development? **Journal of Educational Leadership, Policy & Practice**, v. 31, n. 1/2, p. 33–47, 2016.

CHIM-MIKI, A. F.; CAMPOS, D. B.; ALBUQUERQUE DE MELO, L. S. Definindo Espaços de Educação Criativa no Ensino Superior de Administração através de Mecanismos de Cocriação de Valor. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 20, n. 2, p. 362–401, 2019.

COGHLAN, D.; SHANI, A. B. **Conducting Design Thinking**. Los Angeles: Sage Publications, 2018.

FENWICK, T. **Emerging approaches in educational research : tracing the socio-material**. London: Routledge, 2011.

FENWICK, T. Sociomateriality and learning: A critical approach. In: SCOTT, D.; HARGREAVES, E. (Eds.) **The SAGE Handbook of Learning**. London: SAGE Publications, 2015. p. 83–93.

FENWICK, T. What Matters in Sociomateriality: Towards a Critical Posthuman Pedagogy for Management Education and Educators. In: STEYAERT, C.; BEYES, T.; PARKER, M. (Eds.). **The Routledge Companion to Reinventing Management Education**. London: Routledge, 2016. p. 249–263.

GHERARDI, S. **How to conduct a design-based study: problems and solutions**. Cheltenham: Edward Elgar, 2012.

GOURLAY, L.; OLIVER, M. **Student Engagement in Digital University: Sociomaterial Assemblages**. London: Routledge, 2018.

JAMIELSON, P. **Creating New Generation Learning Environments on the University Campus**. [s.l.] WB Research Press, 2008.

KOLB, A. Y.; KOLB, D. A. Learning styles and learning spaces: Enhancing experiential learning in higher education. **Academy of Management Learning and Education**, v. 4, n. 2, p. 193–212, 2005.

KOLB, A. Y.; KOLB, D. A. Learning to play, playing to learn: A case study of a ludic learning space. **Journal of Organizational Change Management**, v. 23, n. 1, p. 26–50, 2010.

MCINTOSH, P. **Design thinking and reflective practice: creative and visual methods to facilitate reflection and learning**. London: Routledge, 2010.

MULCAHY, D.; CLEVELAND, B.; ABERTON, H. Learning spaces and pedagogic change: envisioned, enacted and experienced. **Pedagogy, Culture and Society**, v. 23, n. 4, p. 575–595, 2015.

PESCHL, M.; FUNDNEIDER, T. Spaces enabling game-changing and sustaining innovations: why space matters for knowledge creation and innovation. **Journal of Organisation Transformation & Social Change**, v. 9, n. 1, 2012.

SCOTT-WEBBER, L. **In Sync: Environmental Behavior Research and the Design of Learning Spaces**. Ann Arbor, MI: Society for College and University Planning (SCUP), 2004.

SØRENSEN, E. **The Materiality of Learning: Technology and Knowledge in Educational Practice**. New York: Cambridge University Press, 2009.

TAYLOR, S. S.; LADKIN, D. Understanding arts-based methods in managerial development. **Academy of Management Learning and Education**, v. 8, n. 1, p. 55–69, 2009.

TAYLOR, S. S.; STATLER, M. Material Matters: Increasing Emotional Engagement in Learning. **Journal of Management Education**, v. 38, n. 4, p. 586–607, 2014.

VAN DE VEN, A. H. **scholarship: a guide for organizational and social research**. Oxford: Oxford University Press, 2007.